

TEOLOGIA, MÍDIA E SEXUALIDADE

Theology, Media and Sexuality

Neilson Xavier de Brito¹

Resumo

Vivemos numa mudança de época. A Cultura do Consumo tornou-se instrumento de domínio e subordinação. A rejeição de um conceito de verdade absoluta pela Pós – Modernidade fez surgir uma visão pluralista em todas as áreas. Isso passou a valer também para as verdades espirituais. Os relacionamentos tornaram-se fluídos, e o outro ocupa espaço secundário numa relação sem uma real significância. Explosões publicitárias estabelecem a compulsão por novas formas de comportamentos sexuais. O conceito moderno de sexualidade foi desconstruído para dar lugar a uma “nova redistribuição pós-moderna do sexo” provocando uma eclosão da relevância de outras expressões da sexualidade, entre elas, notoriamente a homoafetividade. Este artigo visa apresentar os conceitos, motivar a discussão da relação entre a teologia, enfoques mídia-culturais e sexualidade, suas expressões e apresentar o dilema entre a teologia exclusiva versus inclusiva como estímulo para uma reflexão mais aprofundada.

Palavras-chave: Teologia. Mídia. Sexualidade

Abstract

We live in a changing era. The Consumer Culture has become an instrument of domination and subordination. The rejection of a concept of absolute truth by Postmodernity made a pluralistic vision arise in all areas. This even became effective for spiritual truths. Relationships became fluid and the other occupies a secondary space in a relationship without real significance. Advertising explosions establish a compulsion for new ways of sexual behavior. The modern concept of sexuality was deconstructed to make way for a "new postmodern redistribution of sex". This also resulted in the outbreak of the relevance of other expressions of sexuality, including, notoriously homoaffectivity. This article aims, in addition to presenting the concepts, encourage discussion of the relationship among theology, media-cultural approaches and sexuality, and their expressions. Furthermore, it intends to present the dilemma between exclusive theology versus inclusive theology as a stimulus a deeper reflection and unarmed of prejudice.

Keywords: Theology. Media. Sexuality

¹ Pós-graduado em Aconselhamento (SP), Mestrando em Teologia (PR), pastor.

Considerações Iniciais

Enfrentamos um tempo de profundas mudanças, especialmente no Ocidente, sendo inconteste a participação da mídia nesse processo. Para Rubim² em seu artigo sobre *A contemporaneidade como Idade Mídia* “vivemos em uma ‘Idade Mídia’ em que os entrelaçamentos entre mídia, sociedade e tecnologia são inequívocos e estão presentes de modo que se torna pouco prudente refutá-los ou dissociá-los”.

Segundo Frei Betto³, ao analisar o nosso tempo afirma que “somos contemporâneos de outro evento⁴, que não é novidade, mas é raridade: mudança de época. Ou seja, não vivemos apenas numa época de mudanças; vivemos numa mudança de época. A última vez que isso ocorreu no Ocidente foi na passagem do período medieval para o período moderno, nos séculos 15 e 16”.

Para Grenz⁵ a pós-modernidade rejeita a crença de que o conhecimento seja objetivo. Não existe para os pensadores pós-modernos uma única verdade universal, supra-cultural e eterna – inclusive verdades espirituais. Torna-se válido aquilo que é verdadeiro/específico para uma comunidade, de que venha a facilitar o convívio/relação entre os que participam da comunidade. Nesse aspecto, a sociedade pós-moderna tende a ser comunitária⁶.

Entretanto, Bauman⁷ nos estimula a uma tomada de consciência de que na chamada modernidade líquida enfrentamos a *volatilidade das identidades*, o que nos impõe “aprender a difícil arte de viver com as diferenças ou produzir condições tais que façam desnecessário esse aprendizado”. Sem dúvida, compreende-se que a mídia favorece esse aprendizado.

² RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Contemporaneidade com Idade Mídia: interface, comunicação, saúde, educação*. Vol. 4, n.7, 2010, p.29-30.

³ FREI BETTO. *Reflexão: Pós-Modernidade e Novos Paradigmas*. Ano I nº 3, 2000, p.5.

⁴ Frei Beto chama o primeiro evento de “era imagética”. Somos a primeira geração televisiva da história. O autor encontra semelhança nas duas mudanças. Neocolonialismo e globalização se fundem em *globocolonização* – na medida em que uma cultura ou estilo se impõe a outra cultura. Fonte: Reflexão, 2000, p.5.

⁵ GRENZ, Stanley. *Pós-Modernismo: um guia para entender melhor a filosofia do nosso tempo*. Trad. Antivan Guimarães Mendes. 2. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2008, p.20.

⁶ GRENZ, 2008, p.21.

⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p.204.

Ainda refletindo sobre a pós-modernidade, Sire⁸ enfatiza a instabilidade como característica do movimento: “A manobra intelectual inteligente de hoje é a tolice esquecida amanhã. E o que vem a seguir ainda está para ser obtido”⁹.

Aplicando esse momento em particular à teologia, ela vive/sobrevive num ambiente controverso, onde alguns teólogos buscam fazer uma nova teologia enquanto outros tendem a clamar pelo retorno às Escrituras, à igreja primitiva ou por uma reforma que continue a valorizar a razão humana¹⁰.

E mesmo diante desse dilema teológico, enfrenta-se à mídia como poder que promove novos conceitos de sexualidade.

A PÓS-MODERNIDADE E A FRAGILIDADE DOS RELACIONAMENTOS

Também se torna característica da pós-modernidade a fragilidade dos laços humanos. Vivemos num período que Bauman¹¹ denomina de “Modernidade Líquida” que é marcado pela fluidez, que “não fixam o espaço nem prendem o tempo”, onde o espaço preenchido é marcado por “um momento” sem significância. O mesmo sociólogo em “Amor Líquido” reflete sobre a “misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos”¹².

De certo modo, essa forma “líquida” dos relacionamentos estabeleceu, segundo Bauman, uma “redistribuição pós-moderna do sexo” causando um dismantelo em tudo o que até então havia sido construído¹³.

O filósofo Manfredo Oliveira citado por Trasferetti¹⁴ em “*Teologia Moral na Pós-Modernidade: O difícil dilema do agir moral*”, afirma que hoje vivemos uma crise de sentido – séria e complexa que afeta toda a estrutura humana. Crise é a palavra chave para se

⁸ SIRE, James W. *O Universo ao Lado: um catálogo básico sobre cosmovisão*. Trad. Fernando Cristófaló. 4. Ed. São Paulo: Hagnos, 2009, p.284.

⁹ SIRE, 2009, p.287.

¹⁰ SIRE, 2009, p.291.

¹¹ BAUMAN, 2001, p.8.

¹² BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, p.8.

¹³ BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Trad. Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p.183.

¹⁴ TRASFERETTI, José (Org.) *Teologia na Pós-Modernidade: Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p.407.

compreender esse momento histórico. “O ser humano está ficando isolado, descrente de tudo, caminha vazio pelas esquinas do mundo. Caminha em busca de sua satisfação pessoal e suas ações se orientam para a auto realização, felicidade consumista e o prazer desmensurado”¹⁵. A ética individualista não co-responde aos anseios de uma vida socializada, o que afeta o *ethos social*. Tudo é relativizado, inclusive, às expressões da sexualidade.

Apesar de todo o relativismo da pós-modernidade, ele é parco em oferecer respostas e ajudar o homem em sua vida prática. Ferreira; Myatt em sua *Teologia Sistemática*¹⁶ afirmam que “o mundo de hoje enfrenta crises que exigem respostas coerentes, mesmo que nesse ‘mundo’ o homem abrace várias cosmovisões para dar sentido à vida. Para os autores, “cosmovisão é um modelo de ver o mundo. É a interpretação que fazemos da realidade derradeira. É o sistema de pressupostos que usamos para organizar e interpretar nossa experiência de vida. É literalmente nossa visão do cosmo”. Mas como aplicar essa visão à teologia em sua relação com a mídia e a sexualidade?

CONCEITOS: TEOLOGIA, MIDIA E SEXUALIDADE.

Houaiss¹⁷ define teologia como sendo “ciência ou estudo que se ocupa de Deus, de sua natureza e seus atributos e de suas relações com o homem e com o universo; conjunto dos princípios de uma religião; doutrina”. Kivitz¹⁸ chama a nossa atenção para o fato de que, mesmo Houaiss¹⁹ definindo teologia como “ciência ou estudo que ocupa de Deus” numa alusão ao Deus da tradição judaico-cristã, precisamos observar que “devemos ter consciência”, portanto, de que, etimologicamente, “teologia” trata do estudo a respeito não apenas de Deus conforme compreendido e crido na tradição judaico-cristã, como também, e principalmente, de deuses ou do que se relaciona com o divino em termos genéricos, o que justificaria a necessária distinção entre “teologia” e “teologia cristã”.

¹⁵ TRASFERETTI, 2003, p.407-408.

¹⁶ FERREIRA, Franklin; MYATT Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o momento atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.5.

¹⁷ HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa*. Verbetes: teologia, Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

¹⁸ KIVITZ, Ed René. *Teologia Prática: Modernidade e Urbanidade*. In. SILVA, Geovaldo Jacinto (Org.) *Itinerário para uma Pastoral Urbana: a ação do povo de Deus na cidade*. 2. ed. São Bernardo do Campo: Editeo, 2012, p.38-39.

¹⁹ HOUAISS, 2009.

Entretanto, Sturz²⁰ indaga em sua *Teologia Sistemática*, “se há uma teologia cristã ou muitas?” O autor questiona a “teologia desenvolvida a partir de costumes, tradições, necessidades, e também como as pessoas entendem sua fé. [...] São teologias construídas com base em folclore e costumes étnicos.” Essas “teologias” resultariam num pluralismo teológico > relativismo (normativa ou absoluta). Para Sturz não se pode negar a importância da tradição, costumes, crenças, etc., mas que “a tarefa do teólogo é controlar o máximo possível os elementos humanos, de modo que estes não distorçam nem invalidem a verdade revelada.” No entanto, o mesmo autor compreende que a experiência com Deus é uma condição indispensável para quem faz teologia cristã²¹.

Strong²², também em sua *Teologia Sistemática* compreende que o “alvo da teologia é a certificação dos fatos que dizem respeito a Deus e às relações entre Deus e o universo, e a apresentação de tais fatos em sua unidade racional como partes conexas de um formulado e orgânico sistema de verdade. “A teologia na sua relação Deus > percebe um homem como um ser relacional e nessa relação, sem dúvida, está a questão da sexualidade. Tillich considera que em relação à teologia, é necessário satisfazer suas necessidades básicas: “a afirmação da verdade da mensagem cristã e a interpretação desta verdade para cada nova geração. A teologia se move para trás e para diante entre dois polos: a verdade eterna de seu fundamento e a situação temporal em que a verdade eterna deve ser recebida”²³.

Uma das áreas a serem desafiadas por essa “temporalidade teológica” tem a ver com a ética – Teologia Moral²⁴. Martins²⁵ ao analisar a relação Pós-Modernidade versus Teologia, esclarece que alguns teólogos pós-modernos têm permitido o desenvolvimento da moral específica de cada grupo.

Compreende-se ainda, que a Teologia Moral possa ser aplicada à mídia, uma vez que, também necessita de parâmetros éticos. Lúcia Santaella em *Ecologia Pluralista das*

²⁰ STURZ, Richard J. *Teologia Sistemática*. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.72-73.

²¹ STURZ. 2012, p.76.

²² STRONG, Augustus H. *Teologia Sistemática*. Trad. Augusto Vitorino. VI. 1. São Paulo: Editora Teológica Ltda., 2002, p.22-23.

²³ TILlich, Paul. *Teologia Sistemática*. Trad. Getúlio Bertelli. São Paulo: Edições Paulinas; Ed. Sinodal, 1984, p.13.

²⁴ Teologia Moral é o equivalente católico romano daquilo que os protestantes chamam de Ética Cristã. Na tradição católica se relaciona com teologia dogmática e filosofia moral. Trata de questões comportamentais como: justiça, sexualidade, verdade – expressões da verdade, santidade da vida, etc. Fonte: ELWELL, Walter. Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, vol. 3, p.485-486.

²⁵ MARTINS, Jaziel Guerreiro Martins. *Pós-Modernidade e Teologia*. 2010.

*Mídias Locativas*²⁶ traz uma definição interessante sobre mídia, mas é necessário notar que, segundo Mallmann²⁷ “o termo mídia na contemporaneidade se mostra como uma grande soma de representações”.

Ora, mídias são meios, e meios, como o próprio nome diz, são simplesmente meios, isto é, suportes materiais, canais físicos, nos quais as linguagens se corporificam e através dos quais transitam. Por isso mesmo, o veículo, meio ou mídia de comunicação é o componente mais superficial, no sentido de ser aquele que primeiro aparece no processo comunicativo. Não obstante sua relevância para o estudo desse processo, veículos são meros canais, tecnologias que estariam esvaziadas de sentido não fossem as mensagens que nelas se configuram. Consequentemente, processos comunicativos e formas de cultura que nelas se realizam devem pressupor tanto as diferentes linguagens e sistemas sógnicos que se configuram dentro dos veículos em consonância com o potencial e limites de cada veículo quanto devem pressupor também as misturas entre linguagens que se realizam nos veículos híbridos.

A partir desta definição, entende-se que a mídia, a partir de uma visão segmentada dos meios de comunicação, não é mais compatível na pós-modernidade. Na realidade, o próprio conceito de mídia está coerente com o período de fluidez tão explicitado por Bauman.

Outro aspecto importante em relação à mídia é a sua influência sobre o comportamento, exercendo forte ingerência nos modos de vida, gostos, estilos, religiosidade, sexualidade, etc. O surgimento de novos estilos influenciados pela mídia, afeta o “em torno” das pessoas, que passam a ser fortemente determinadas pela tendência, produzindo, segundo Fischer “uma violência sobre a imagem que cada um tem si mesmo”²⁸.

Lipovetsky²⁹ em *Metamorfoses da Cultura Liberal: ética, mídia e empresa*, a respeito dessa violência que muitas vezes é causada pela tendência pré-determinada pela mídia, o que, sem dúvida, afeta diretamente à sexualidade diz:

A valorização dessa tendência, a tomada da juventude e da beleza como valores, que parece aumentar cada vez mais, torna-se evidente no discurso veiculado pelos mais variados meios de comunicação. As imagens publicitárias, as fotos da moda e principalmente a imprensa feminina exemplificam a penetração da mídia até no mais íntimo, especialmente em tudo o que diz respeito à aparência do corpo. Esse

²⁶ SANTAELLA, Lúcia. *A Ecologia das Mídias Locativas*. Revistas Famecos/RS, n.37. 2003, p.25.

²⁷ MALLMANN, Andréia Denise. *Massa Fluida: Por uma Renovação Conceitual*. Revista Famecos/RS. 2010, p.20.

²⁸ FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Mídia e Produção de Sentidos*. In: *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1998, p.431.

²⁹ LIPOVETSKY, Gilles. *Metamorfose da cultura liberal: ética, mídia e empresa*. Porto Alegre – RS: Sulina, 2004, p.69.

movimento suscita expressões como "tirania da beleza". "Quanto menos a moda (vestuário) é diretiva, mais a lei da magreza e da juventude é exaltada e valorizada". Quanto mais a moda se torna pluralista, mais o corpo esbelto e firme torna-se um ideal consensual.

Percebe-se, segundo Carvalho em seu artigo *Mídia e Sexualidade*³⁰, que não foi apenas a concepção do que vem a ser sexualidade que sofreu mudanças em virtude desse processo midiático. As imagens homem-mulher, macho-fêmea, são apresentadas como produto. Por isso, o cotidiano tem imposto mudanças nas mais diversas áreas da vida, inclusive a sexualidade, uma vez que muitos já se propõem a aceitar qualquer opção sexual. Já não se percebe, segundo alguns teólogos, a exclusividade (teológica) da heterossexualidade pertencente à ética judaico-cristã.

No confronto com essa percepção de heterossexualidade, o sexismo, segundo Elisabeth Johnson concebe que as pessoas são superiores e inferiores com base no sexo biológico. Entretanto, a sexualidade apresentada por Freud (1930) em *O Mal-Estar na Civilização*³¹ é um "fato biológico, que embora de significação extraordinária para a vida psíquica, é psicologicamente difícil de aprender [...] e cada um mostra impulsos instintuais", e nas funções a ele inerentes, incluindo sistemas de valores e padrões que expressam ou endossam esta crença, contribuindo para excluir e marginalizar uma pessoa ou um grupo com base no sexo.

Trasferetti em *Teologia e Sexualidade*³² "procura tornar público à realidade teológica que caracteriza pessoas e grupos que são marginalizados por razões morais, a teologia, segundo o autor, não tem se ocupado deles; pessoas sofridas e que pela fé, demonstram apego a Deus". Mas, a fim de que possamos esclarecer melhor a temática, precisamos investigar melhor o conceito de sexualidade.

Segundo Ferguson³³ sexualidade humana é um "conceito muito mais amplo do que propriamente a conduta sexual. Seu foco enquadra-se mais sobre o que são as pessoas, do que sobre os que elas fazem". Entende o mesmo autor, que as Escrituras são predominantemente positivas no tocante à sexualidade.

³⁰ CARVALHO, Paulo Roberto. *Mídia e Sexualidade*. Athenea Digital, 2010, p.20.

³¹ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*. 4. Reimpressão. São Paulo: PENGUIN/Companhia das Letras, 2013, p.51.

³² TRASFERETTI, José (Org.) *Teologia e Sexualidade: um ensaio contra a exclusão moral*. Campinas- SP: Ed. Átomo, 2004, p.11.

³³ FERGUSON, Sinclair B et al. *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Hagnos, 2011, p.11.

Farris³⁴ refletindo sobre a sexualidade e uma teologia do Ser, afirma que:

A sexualidade é mais do que os atos e as atitudes que fornecem o prazer erótico. A sexualidade é um elemento integral da vida individual e social que inclui as relações entre pessoas, grupos, comunidades, sociedades, culturas e Deus. A sexualidade humana inclui Eros, mas não está restrita a ele. Ser um ser sexual inclui questões de identidade individual e sociais que não são restritos aos processos físicos e psicossociais de respostas sociais. A sexualidade inclui, mas não estão limitadas as dinâmicas de gênero, poder, identidade social e autoimagem. Lida com questões de identidade e ser, e não está limitada à conformidade, às exigências morais e éticas da comunidade de fé. Tais normas éticas e morais são de grande importância, mas a redução da sexualidade à aderência a estas normas e moralidades, reduz a sexualidade a um de seus diversos aspectos. [...] No protestantismo tradicional a relação entre a sexualidade e fé é frequentemente reduzida às questões da moralidade sexual. O universo complexo da sexualidade humana é raramente discutido.

Mas transitar no campo da sexualidade através da teologia, e muitas vezes sobre o enfoque da mídia, com seu poder quase ilimitado de comunicação e o seu resultado comportamental dessa sexualidade nas comunidades, é um assunto ainda difícil de ser resolvido sem a formação de grupos sectários. Houaiss³⁵ define sexualidade como “qualidade do que é sexual; conjunto de caracteres especiais, externos ou internos, determinados pelo sexo do indivíduo, sensualidade e na psicanálise, conjunto de excitações e atividades, presentes desde a infância (de um indivíduo), que está ligado ao coito, assim como aos conflitos daí resultantes” parece-nos que a posição tradicional ligando sexualidade a questão macho e fêmea está bem presente.

Farris³⁶ demonstra também, que “é perigoso propor uma definição da sexualidade humana por causa da complexidade do conceito e devido a atitudes culturais diversas que influenciam a discussão.” Diz ainda o autor que “a história da sexualidade na história da humanidade pode ser descrita como um processo para compreender, controlar ou direcionar o Eros ou o poder da sexualidade”.

Compreende-se que para alguns autores a questão da sexualidade/sexo é revestida de certo “tabu” e essa questão ainda mais se agrava, se a reflexão teológica busca ser inclusiva quanto à sexualidade.

³⁴ FARRIS, James. *Sexualidade Fiel: Reflexões sobre a sexualidade e uma teologia do ser*. 2007, p.1-2.

³⁵ HOUAISS, Antônio. 2009. *Verbetes: Sexualidade*.

³⁶ FARRIS, 2008, p.920.

Champlin³⁷ introduz o seu verbete sobre sexo, afirmando que a palavra sexo não aparece na Bíblia, mas que as Escrituras abordam essas questões com cautela e franqueza.

Diz o autor:

As Escrituras refletem aquela atitude cautelosa quanto à discussão sobre os órgãos sexuais e assuntos relacionados, que prevalecia na modernidade. A natureza poética e imaginativa do idioma hebraico, bem como o ponto de vista dos hebreus acerca do homem, resulta no emprego de eufemismos, que tendiam por disfarçar, eufemisticamente, os órgãos sexuais e masculino e feminino, o ato sexual e a reprodução. Apesar disso, o assunto sexo e temas relacionados são abordados com franqueza nas páginas da Bíblia, embora com frequência fossem usadas circunlocuções (rodeios, perífrases) para evitar referências mais diretas aos órgãos sexuais ou à atividade sexual.

Fato é que apesar de todas as divergências em torno da sexualidade, ela constitui alvo/objeto importante da teologia na pós-modernidade. Por isso, segundo Fries³⁸ “a sexualidade não deve ser compreendida como uma realidade fechada sobre si mesma, muda e amorfa”. Já que ela está orientada à existência humana no seu conjunto, deve ser atuada em função deste conjunto. É preciso encontrar e realizar a verdade da existencial da sexualidade.

DISCUTINDO A RELAÇÃO TEOLOGIA, MÍDIA E SEXUALIDADE.

No prefácio à edição em português da obra *“Teologias contemporâneas”*, os editores dizem que: “há quem diga que teologia se faz a lápis”. Ao contrário da Palavra de Deus, a teologia pode mudar, se transformar, adequar-se a uma época ou até mesmo corrigir suas hipóteses, resultado de novas pesquisas ou do aprofundamento da pesquisa. Isto não quer dizer, segundo os editores, que multiplicidade de/das teologias seja o caminho, mais indicado que um “insight teológico” surgido a partir de uma situação. Se

³⁷ CHAMPLIN, R.N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. VI 6. Trad. João Marques Bentes. 3. ed. São Paulo: Candeias, 1995, p.245.

³⁸ FRIES, Heinrich. *Dicionário de Teologia*. VI. 5. Trad. Teólogos do Pont. Col. Pio Brasileiro de Roma. São Paulo: Loyola, 1971, p.218.

buscássemos estabelecer uma teologia da sexualidade, sem dúvida, seria contemporânea – situada entre o atual e recente de um lado, e o moderno de outro. Miller; Grenz³⁹.

Para Durand⁴⁰ há uma lacuna considerável em relação à teologia quando tratamos de questões morais. “Os moralistas cristãos, com seu estatuto racional, muitas vezes fizeram com que as comunidades de fé ‘engolissem gato por lebre’, dizendo-se portadores da autoridade da Palavra de Deus, quando na verdade, nada mais proclamavam do que palavra humana. Esta atitude causou desconfiança entre cristãos e teólogos”. Por isso, uma reflexão teológica, em relação à mídia e à sexualidade, se faz necessária porque a teologia não tem função apenas interpretativa, mas também uma função crítica e justificativa. Até porque, desenvolver uma teologia voltada para sexualidade em que se considera a mídia como parte, a princípio, de pressupostos filosóficos e antropológicos e não somente da fé. Buscar compreender o sentido cristão da sexualidade, do comportamento sexual e confrontá-los com os ensinamentos da tradição cristã, é um desafio constante, em que não se pode deixar de considerar a ambiguidade provocada pela mídia. Libanio⁴¹ em seu editorial *Teologia na mídia: eis um desafio* afirma que: “essa ambiguidade da mídia, pede-nos cautela e atenção. A fé não pertence ao gênero da informação, mas da opção fundada na liberdade e na graça de Deus”.

Embrenhar-se na relação “Teologia, Mídia e Sexualidade” é muito mais que tratar a primariedade do tema: macho, fêmea, impulsos – pulsão, cópula e afins. Há um raio maior de ação que envolve pessoa-pessoa-outro(s)-comunidade-moral-Deus. E nesse ambiente a mídia é uma realidade presente e Jenkins⁴² em *Cultura da Convergência* diz que:

A convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica. A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gênero e público. [...] Lembrem-se, a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final. Não haverá uma caixa preta que controlará o fluxo midiático para dentro das nossas casas.

³⁹ MILLER, Ed. L.; GRENZ, Stanley J. *Teologias Contemporâneas*. Trad. Antivan G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.11.

⁴⁰ DURAND, Guy. *Sexualidade e Fé. Síntese de Teologia Moral*. Trad. José A. Ceschin; Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 1989, p.7- 9.

⁴¹ LIBANIO, J.B. *Teologia na Mídia: eis um desafio*. 2010.

⁴² JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Trad. Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009, p.43.

Deste modo, a “clientela cristã” de alguma maneira, em algum momento ou circunstância será impactada pela mídia, especificamente em relação a conceitos ou valores pertinentes a sexualidade. Em relação a essa temática, Cardoso; Silva⁴³ em sua *Análise Sobre a Influência da Mídia na Adolescência* afirma que “a cultura de massa veicula um determinado produto para que este seja propagado em grande escala sem se preocupar com a qualidade.” O binômio sexualidade - qualidade não é mais relevante.

Note-se que Dorsch⁴⁴ apresenta sexualidade como um conceito ambíguo, que significa tanto a pura realidade sexual do homem e da mulher, como também o instinto sexual com as suas amplas variações e irradiações e seu poder de criação cultural > pulsão. Ainda para o mesmo autor, tradicionalmente se define sexualidade, como todas as expressões fundadas (ou que se podem fundar) no sexo. Observe-se que esse autor apresenta em sua obra, no verbete sexualidade, seis páginas de variantes e da função e da vida sexual. Dorsch⁴⁵ também afirma que “a sexualidade não possui mecanismos de satisfação que seja univocamente suficiente. Não é como a fome, a respiração, as funções excretoras, etc. redutíveis a acalmar simplesmente uma necessidade biológica”.

Frei Betto⁴⁶ reconhece que “sentimos hoje um mal-estar em relação aos cinco pilares da modernidade e da sociedade em que vivemos: O Estado, a família, a escola, a Igreja e o trabalho”. Diante dos desafios, ele afirma que “pensar um novo modelo de convivência é um desafio e uma necessidade, sexualidade, sem dúvida, é um caminho a percorrer. Em uma tonalidade dúbia de acusação ou narrativa, firma que a globalização – tentativa de colocar a todos sobre uma mesma perspectiva (ótica) não foi uma criação do capitalismo neoliberal, mas do apóstolo Paulo. Ele foi o primeiro que rompeu uma determinada cultura, geografia e etnia, para propor uma mensagem universal, que adquiriu até esse nome, “católico” que significa em grego, “universal”. Como vários povos sem a perda da identidade e cultura, podem abraçar uma mesma crença? Até então, todas as religiões eram confinadas às suas raças, aos seus povos, às suas etnias”.

⁴³ CARDOSO, Denise Machado; SILVA Marcelo Ricardo dos Santos. *Uma Análise Sobre a Sexualidade e a Influência da Mídia na Adolescência: identidade cultural contemporânea entre adolescentes de uma escola em Belém*. Revista do Difere, 2013, p.15.

⁴⁴ DORSCH, Friedrich et al. *Dicionário de Psicologia*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. 4. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2009, p. 868.

⁴⁵ DORSCH, 2009, p.868.

⁴⁶ FREI BETTO, 2000, p.5.

É claro que, e compreende-se por indução, que a forma plural de perceber/sentir/expressar a sexualidade, perdeu a sua individualidade/pluralidade para se “encapsular” dentro de uma percepção cristã, especialmente da moral cristã. Não contestamos aqui a importância nem a significância da universalidade da mensagem cristã. Mas devemos ser desafiados teologicamente, pelo menos para percebermos que nos deparamos com outras nuances/vertentes de expressões da sexualidade. Precisamos pelo menos considerar a afirmação de Flausino⁴⁷ de que “a sexualidade tornou-se maleável.” Percebe-se menor preocupação com a internalização da sexualidade do que com as suas expressões/exteriorizações.

Foucault⁴⁸ quando discorre sobre a questão moral em relação à sexualidade, considera sobre a questão da ambiguidade da palavra “moral” que pode significar um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos ou grupos que podem ser coerentes, mas também difusas. Para o autor, “uma coisa é um regra de conduta; outra, a conduta que se pode medir a essa regra. Mas outra coisa ainda é a maneira pela qual é necessário ‘conduzir-se’ – isto é, a maneira pela qual se deve construir a si mesmo como sujeito moral, agindo em referência aos elementos prescritivos que constituem o código”. Isto sem dúvida contribui para a produção em série de um determinado comportamento não levando em conta que existem outras formas de comportamento, diferentes maneiras de conduzir-se moralmente, onde o indivíduo deixa de ser simplesmente um agente e passa a ser o sujeito moral da ação.

Reconhece-se que a temática sobre a sexualidade, especialmente a partir da influência da mídia, sofre muitos embates. Nos últimos sessenta anos, segundo Stearns⁴⁹ a concepção do sexo como recreação e fonte de prazer tornou-se comum, mesmo considerando que a ideia do sexo procriativo ainda perdure. Obviamente o interesse no sexo e a conquista do prazer sexual não eram novidade na história mundial. Mas o que está acontecendo agora é uma intensificação de foco e uma redução da forma de outras definições de sexualidade e controle sexual. A sociedade alcançou o controle da natalidade através dos contraceptivos e vivenciou a explosão de cultura de sexualidade – erótica.

⁴⁷ FLAUSINO, Márcia Coelho. *Mídia, Sexualidade e Identidade de Gênero*. 2002, p.7.

⁴⁸ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade. 2 – o uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 13.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009, p.32- 34.

⁴⁹ STEARNS, Peter N. *História da Sexualidade*. Trad. Renato Marques. São Paulo: Ed. Contexto, 2010, p.231-252.

Infere-se que todas essas mudanças no enfoque e comportamento/expressões da sexualidade causaram choques culturais e espirituais nas comunidades de fé. Entretanto, houve um grande esforço para que essa questão fosse vencida. Novas interpretações teológicas surgiram e de certo modo a ética comportamental cristã foi revista. As grandes questões vivenciadas/enfrentadas nas comunidades cristãs não estão necessariamente ligadas à sexualidade – macho e fêmea, mas a outras preferências sexuais, até então silenciadas na teologia e eclesiologia.

Por isso, o grande desafio da teologia, mídia e sexualidade é o diálogo em que a polarização deve ser evitada. A teologia deve considerar em seu objeto de estudo > a sexualidade, despida de preconceitos e padrões morais que não possam ter a ver com o texto bíblico. A hermenêutica precisa se coerente com a Escritura.

TEOLOGIA INCLUSIVA versus EXCLUSIVA – A INFLUÊNCIA DA MÍDIA

É inconteste que um dos grandes temas da mídia sócio sexual aborda a questão da homoafetividade. O termo “homossexualidade”, hoje “homoafetividade”; passou a significar a realidade humana total das pessoas cuja pulsão sexual se orienta para pessoas do mesmo sexo. Entretanto, conclui Vidal⁵⁰ que a palavra assumiu sentido pejorativo causando desprezo social. O autor reconhece “às questões de exclusão sofrida pelos homoafetivos e compreende a “homossexualidade” como a condição humana de um ser pessoal que no nível da sexualidade se caracteriza pela peculiaridade de sentir-se constitutivamente instalado na forma de expressão exclusiva na qual o *partenaire* é do mesmo sexo”. Reconhece também, que a sexualidade não é só, nem principalmente um fenômeno sexual, mas a “condição antropológica” de um ser que tem uma condição e um destino perfeitamente humanizável e humanizante. Ainda Vidal⁵¹ em seu estudo sobre “*Ética da Sexualidade*” propõe uma avaliação ética embasada no fato de que “os homossexuais tem os mesmos direitos dos heterossexuais ao amor, à intimidade as relações”.

Reconhece-se a existência da homoafetividade, mas esse artigo não busca tratar as diversas teorias sobre as causas da homoafetividade, mas sua relação com a teologia

⁵⁰ VIDAL, Marciano. *Ética da Sexualidade*. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo. Edições Loyola, 2002, p.112.

⁵¹ VIDAL, 2002, p.119,117.

inclusiva versus exclusiva, e neste particular, a influência midiática sobre a presença da homoafetividade dentro do aspecto do comportamento padrão vivenciado pela sociedade. Como a sexualidade tornou-se maleável, abriram-se então questões para o enfrentamento/confrontamento da(s) identidade(s).

Entretanto, a teologia depara-se com questões eclesiais ao tratar desse assunto. Durand⁵² ao analisar a posição oficial da Igreja apresenta a “homossexualidade” como uma matéria, uma falta importante que conflitua com a fecundidade. A homossexualidade é um ato contra a natureza. Cavalcanti⁵³ apresenta a questão como uma distorção na sexualidade – “Deus destinou o ser humano à realização sexual com o sexo oposto.” As práticas sexuais tidas como antinaturais são consideradas pecaminosas, condutas patológicas – hoje não aceitas pela legislação, enfermidades do ser nessa área, que podem ser saradas pela conversão e santificação = reconstrução do ser à imagem de Cristo-homem pelo poder do Espírito Santo. Stot citado por Cavalcanti⁵⁴ enfrenta a questão com os seguintes princípios: “somos seres humanos criados por Deus com potencialidades sexuais e problemas sexuais – portanto não deve haver tratamento desumano; somos seres sexuais – isto é parte da nossa identidade; temos uma orientação sexual – escala de tendências homo a hetero; somos pecadores – inclusive sexuais e somos cristãos – devemos buscar padrões morais dependentes da Graça de Deus”.

Lisboa⁵⁵ advoga a tolerância ao afirmar que “a questão da tolerância com o diferente é uma condição ética primordial.” Em última análise, afirma o referido autor, é a Deus que pertence o julgamento. Entretanto, reconhecendo que os círculos especializados em sexualidade humana, trata a sexualidade como fenômeno plural, e que somos confrontados com várias possibilidades de expressões ou estruturas eróticas, compreende ainda que “há uma permanente tensão entre os alvos éticos de Deus na ordem da criação e a antiética representada pelo pecado na desordem da queda”.⁵⁶ A homoafetividade seria um desvio dessa ética divina.

O diálogo entre a teologia inclusiva versus exclusiva continua sendo tenso, até por conta das interpretações bíblico-textuais (hermenêutica) e as legislações ético jurídicas.

⁵² DURAND, 1989, p.223.

⁵³ CAVALCANTI, Robinson. *Libertação e Sexualidade*. São Paulo: Temática Publicações, 1992, p.28-29.

⁵⁴ CAVALCANTI, 1992, p.32.

⁵⁵ LISBOA, Ageu Heringer. *SEXO: Desnudamento e Mistério. Espiritualidade, Instinto, e Cultura*. Viçosa- MG: Ed. ULTIMATO, 2001, p.39.

⁵⁶ LISBOA, 2001, p. 4,34.

Trasferetti⁵⁷ reconhece que a teologia não tem se ocupado deles – homossexuais, prostitutas, travestis e outros, que geralmente vivem uma vida difícil. Sem dúvida, percebe-se essa questão através das limitadas políticas públicas e na vivência interna e no entorno das comunidades de fé.

No artigo “*Segurança Pública: a partir dos excluídos e de entre os excluídos*” na obra organizada por Trasferetti, Hugo⁵⁸ retrata a condição dos homossexuais no Brasil onde sugere o conhecimento superficial da temática pela sociedade. “A homossexualidade não é doença”! Segundo o autor, as referências internacionais e científicas são todas no sentido que a homossexualidade não é uma doença (psicopatologia). Também afirma que a literatura bíblica é devedora para com as diversas épocas nas quais ela foi escrita de grande parte de seus modelos e pensamentos de expressão⁵⁹. Mesmo os textos paulinos – Romanos 1,26-27; 1 Coríntios 6,9 e 1 Timóteo 1,9-11, eram transcrições dos catálogos estoico da época. Era muito mais um protesto paulino à sexualidade vivida naqueles tempos⁶⁰.

Quanto à questão religiosa, adverte o mesmo autor, que “os responsáveis pela segurança pública devem atentar bem que toda a discriminação é encontrada nas três grandes religiões monoteístas (judaísmo, cristianismo, maometismo), a partir dos evangélicos”. Tamayo citado por Hugo⁶¹, o teólogo espanhol não estabelece nenhuma incompatibilidade entre Deus e o sexo, e que a homossexualidade não deve ser vivida de forma traumática... sem senti-la como um pecado.

Deve-se, evocar também, a “história do corpo” e seus elementos biológicos, indagando-se se a questão da homoafetividade seria apenas resultado dessa ambivalência sexual, apenas do corpo “acessório” ou expressão de uma sexualidade construída a partir de uma relação pessoal? Parece-nos que se essa questão não for refletida, uma posição polarizada poderá resultar na questão de sermos exclusivos ou inclusivos.

Lisboa⁶² escrevendo sobre *Lidando Com o Diferente* afirma que “a construção de um estado democrático – regras que garantem direitos e deveres iguais para todos os cidadãos, foi uma das grandes conquistas do mundo contemporâneo e que a maturidade de um

⁵⁷ TRASFERETTI, 2004, p.11.

⁵⁸ HUGO, Victor. *Segurança Pública: a Partir dos Excluídos de Entre os Excluídos*. In: TRAFERETTI, José. *Teologia e Sexualidade: um ensaio contra a exclusão moral*. Campinas – SP: Ed. Átomo, 2004, p.21.

⁵⁹ HUGO, 2004, p.23.

⁶⁰ HUGO, 2004, p.24.

⁶¹ HUGO, 2004, p.51.

⁶² LISBOA, 2001, p.37.

indivíduo ou grupo é revelado no aprendizado da convivência com a pluralidade religiosa, a diversidade cultural e as muitas variações estéticas.” É possível, segundo o autor, “sustentar nossas convicções, mesmo que minoritárias, desde que nos mantenhamos no marco ético.”

Entretanto, é comum observarmos reações e discussões polarizadas, onde, mesmo compreendendo historicamente com todas as suas implicações cada um dos polos, compreende-se haver entre os extremos, uma dor, um sofrimento, que precisa ser considerado pela teologia. Também reconhecemos, “o crescimento das disfunções sexualmente adquiridas, a dependência sexual, as complicações autodestrutivas e a deformação do caráter de muitas pessoas”⁶³.

Reconhece-se que a mídia tem colaborado para a tomada de consciência da questão, mas, também, tem influenciado na rejeição e polarização. Entretanto, a teologia não pode ficar à margem dessa realidade. Haack citado por Jenkins⁶⁴ afirma que “se quisermos entender aqueles que não compartilham nossas mais profundas convicções, devemos tentar compreender aquilo que eles acreditam, porque acreditam e como essas crenças operam na vida cotidiana”.

Considerações Finais

Considera-se que a caminhada para encontrar uma convergência ou um ponto de equilíbrio entre Teologia, Mídia e Sexualidade é um exercício de paciência na busca de compreensão do outro. Simplesmente “demonizar” a mídia não agrega qualquer expectativa na construção de uma sociedade mais disposta à inclusão. Compreender a dialética dessa “mudança de época” nem sempre significará disposição teológica, ética e moral para vivenciá-las nas comunidades de fé. Sem dúvida, estamos dispostos a compreender na relação macho e fêmea as expressões da sexualidade. Entretanto, compreende-se que nos deparamos com outras formas da sexualidade que se deslocam além das fronteiras estabelecidas pela moral cristã. Parece-nos que o grande desafio para as comunidades de fé nessa Pós-Modernidade é questão da homoafetividade, especialmente ao que tange aos polos extremos - exclusiva versus inclusiva. Não há como negar essa realidade. Esse é o grande desafio da igreja quando da tratativa da Teologia, Mídia e Sexualidade na pós-Modernidade.

⁶³ LISBOA, 2001, p.35.

⁶⁴ JENKINS, 2009, p.278.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *AMOR LÍQUIDO – Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Trad. Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

CAVALCANTI, Robinson. *Libertação e Sexualidade*. São Paulo: TEMÁTICA Publicações, 1992.

CHAMPLIN, R.N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Vol. 6. Trad. João Marques Bentes. 3.ed. São Paulo: Candeias, 1995.

DORSCH, Friedrich et al. *DICIONÁRIO DE PSICOLOGIA*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. 4.ed. Petrópolis – RJ : Editora Vozes, 2009.

DURAND, Guy. *Sexualidade e Fé. Síntese de Teologia Moral*. Trad. José A.Ceschin; Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 1989.

ELWELL, Walter (Editor). *Enciclopédia Histórico - Teológico da Igreja Cristã*. Trad. Gordon Chow. 1ª reimpressão. São Paulo: Vida Nova, 2009.

FARRIS, James. *Sexualidade*. In: BORTOLLETO Fº, Fernando (Org) *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.

FERGUNSON, Sinclair B. et al. *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Hagnos, 2011.

FERREIRA, Franklin; MYATT Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Mídia e Produção de Sentidos*. En: A escola cidadã no contexto da globalização. Petrópolis - RJ: Vozes, 1998.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade, 2 – o uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 13.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

FRIES, Heinrich. *Dicionário de Teologia. Conceitos Fundamentais da Teologia Atual. Vol. 5. Reino de Deus-Virtude*. Trad. Teólogos do Pont. Col. Pio Brasileiro de Roma. São Paulo: Loyola, 1971.

FREUD, Sigmund Freud. *O Mal-Estar na Civilização*. 4. reimpressão. São Paulo: PENGUIN /Companhia das Letras, 2013.

GRENZ, Stanley J. *PÓS-MODERNISMO: Um guia para entender melhor a filosofia do nosso tempo*. Trad. Antivan Guimarães Mendes. 2.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2008.

HUGO, Victor. *Segurança Pública: a Partir dos Excluídos e de Entre os Excluídos*. In: TRASFERETTI, José. *Teologia e Sexualidade: um ensaio contra a exclusão moral*. Campinas – SP: Editora Átomo, 2004.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Trad. Susana Alexandria. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JOHNSON, Elisabeth A. *Aquela que é: o mistério de Deus no trabalho teológico feminino*. Petrópolis - RJ: Vozes, 1995.

KIVITZ, Ed René. : *Teologia Prática: Modernidade e Urbanidade* In: SILVA, Geovaldo Jacinto. *Itinerário para uma Pastoral Urbana - ação do povo de Deus na cidade*. 2.ed. São Bernardo do Campo – SP: Editeo, 2012.

LIPOVETSKY, Gilles *Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia e empresa*. Porto Alegre – RS: Sulina, 2004.

LISBOA, Ageu Heringer. *SEXO: Desnudamento e Mistério. Espiritualidade, Instinto e Cultura*. Viçosa - MG: Editora Ultimato, 2001.

MILLER, Ed. L.; GRENZ, Stanley J. *Teologias Contemporâneas*. Trad. Antivan G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2011.

SIRE, James W. *O Universo ao Lado: Um catálogo básico sobre cosmovisão*. Trad. Fernando Cristófaló. 4.ed. São Paulo: Hagnos, 2009.

STEARNS, Peter N. *História da Sexualidade*. Trad. Renato Marques. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

STRONG, Augustus H. *Teologia Sistemática*. Trad. Augusto Victorino. Vol. I São Paulo: Editora Teológica Ltda., 2002.

STURZ, Richard J. *Teologia Sistemática*. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2012.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. Trad. Getúlio Bertelli. São Paulo: Edições Paulinas; Editora Sinodal, 1984.

TRASFERETTI, José (Org.) *Teologia e Sexualidade: Um ensaio contra a exclusão moral*. Campinas – SP: Editora Átomo, 2004

_____. *Teologia na Pós-Modernidade. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico prático*. São Paulo: Paulinas 2003.

VIDAL, Marciano. *Ética da Sexualidade*. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

ARTIGOS

CARDOSO, Denise Machado; SILVA Marcelo Ricardo dos Santos. *Uma Análise Sobre a Sexualidade e a Influência da Mídia na Adolescência: identidade cultural contemporânea entre adolescentes de uma escola em Belém*. Revista do Difere – ISSN 21796905. Disponível em: <<http://www.artificios.ufpa.br/Artigos/.../artigo20%Denise20%Cardoso.pdf>>. Publicado em: dez/2013. Acesso: 01.jul.2014.

CARVALHO, Paulo Roberto. *Mídia e Sexualidade*. Athenea Digital – n. 17:217-225 Disponível em: <<http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneadigital/article/view/662>>. Publicado em: mar/2010. Acesso em: 01.jul.2014.

FARRIS, James. *Sexualidade Fiel: Reflexões sobre a sexualidade e uma teologia do ser*. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CA/article/viewArticle/1222> Publicado em: 2007> Acesso em: 15.mar.2014.

FLAUSINO, Márcia Coelho. *Mídia, Sexualidade e Identidade de Gênero*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/.../2002_NP13Flausino.pdf>. Publicado em set/2002. Acesso em: 10.jun.2014.

FREI BETTO, *Reflexão: Pós-Modernidade e Novos Paradigmas*. Ano I, nº 3, Novembro de 2000, Instituto Ethos. <<http://www.3ethos.org.br/.../reflexao-no3-pos-modernidade-e-novos-paradigmas>>

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LIBANIO, J.B. *Teologia na Mídia: eis um desafio*. Disponível em: <<http://www.revistatheologando.com.br/.../teologia-na-midia-eis-um-desafio.j.b>>. Publicado em: out/2010. Acesso em: 04.ago.2014.

MALLMANN, Andréia Denise. *Massa Fluida: Por uma Renovação Conceitual*. Famecos /PUCRS. Porto Alegre. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/gs/sindex.php./Famecos/article/.../16245>>. Publicado em: fev/2010. Acesso: 15.jul.2014.

MARTINS, Jaziel Guerreiro. *Pós-Modernidade e Teologia*. 2010. Disponível em: <<http://www.teologica.br/congressoabibet/documentos/jazieguerreiro.doc>> acesso: 10.mar.2014.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. *A Contemporaneidade com Idade Mídia: interface, comunicação, saúde, educação*. Vol. 4, n. 7, p.25-36. Disponível em: <<http://www.inerface.org.br/revista7/ensaioensaio2.pdf>> Publicado em ago /2010. Acesso em 10.jul.2014.

SANTAELLA, Lúcia. *A ecologia das mídias locativas*. Revistas Famecos, Porto Alegre, n.37 Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br>> capa> v.1.n.37. Publicada em: dez/2008. Acesso em: 12.jul.2014.